

# A Fangueira

POLA LEY E POLA GREY  
QUINZENÁRIO REGIONALISTA

Director: ANTÓNIO CARLOS ESTEVES

Editor: C. HIPÓLITO REIS

Administrador: ARMANDO SARAIVA

Proprietários: António Carlos Esteves, C. Hipólito Reis, Armando Saraiva e Albino Pedrosa Campos

Redacção e Administração: Rua Azevedo Coutinho  
F A O

Composição e Impressão: Tipografia «Vitória»  
BARCELOS — Telefone 8435

## NO 1.º ANIVERSÁRIO

Por ANTÓNIO CARLOS

**A**O fazermos o balanço deste ano de vida do jornal, constatamos com um sorriso nos lábios e com o bico da caneta a marcar esta despretensiosa nota, que tudo está certo lá por cima e que tudo cá por baixo anda com o juízo lá por cima.

Que os astros continuam seguindo rigorosamente a sua órbita, visjando serenamente no espaço sem fim, desconhecendo códigos de algibeira, obedecendo à Lei imutável do Criador e indiferentes à comédia algo trágica dos pobres habitantes deste minúsculo planeta.

Que nesta bola levemente achatada nos polos devido talvez ao frio que obriga às encolhas, talvez aos pingüins e com certeza aos ursos, e que gira sujeita à mesma Lei, vai à superfície escorregadia da crosta, o que não vai em casa do Diabo.

Que os insatisfeitos passageiros deste pequeno mun-

do, cuja existência nada deve à ciência de importação de americanos e de russos, mais dia menos dia se despenharão no nada e que do nada hão-de sair para prestarem contas a Deus do nada que fizeram a bem do BEM.

Que os homens, naturalmente divididos, compartimentados geográficamente, rãicamente, religiosamente, se subdividiram por força de ambições e caprichos para conspirarem contra tudo que é justo, contra tudo que emana de um sentido superior de vida.

Que um herói de hoje é um esquecido de amanhã e que o salvador de uma pátria vai ao patíbulo por mero desandar da roda política.

Que os agrupamentos políticos não passam de temíveis quadrilhas sempre em guarda para tomarem de assalto as posições do adversário.

Que em cada terra há grupos políticos filiados na mesma «associação» a porrem na corda, a roupa suja que cada um usa, para gaúdio dos não filiados.

Que em cada terra surge de quando em vez um homem que pelas suas obras meritórias, atinge o cume da glória, através da gratidão das gentes, do reconhecimento do Poder, do incenso do jornal. Que se o mesmo homem, na melhor das intenções, choca com as ambições e presunções de um indivíduo ou grupo, tem imediatamente, da parte do indivíduo, do jornal, do grupo e seus familiares, uma campanha injuriosa onde fica de pé, a meter nojo aos cães, o dito por não dito.

Que certa imprensa regionalista não cessa de pedir regalias e direitos quando o que devia pedir era sabão para lavar as nódoas que lhe ficam de certas cam-

(Continuação na página 3)

## Saudação

**N**O novo ano que hoje inicia, com a mesma vida e vontade de bem servir os interesses deste belo rincão da Beira Mar, não pode O Fangueiro deixar de saudar dum modo especial o seu presidente da Câmara, Snr. António José da Costa Leme, pela maneira brilhante, como sempre tem orientado e defendido o progresso do nosso Concelho.

Ao fazê-lo, não lisonjeamos; apenas continuamos naquela linha de objectividade e verdade, que desde o princípio traçamos e de que jamais nos afastaremos.

A missão do jornal, sobretudo do jornal de Província, é orientar e defender os interesses da região que serve, apontando caminhos, sugerindo ideias; é louvar todas as iniciativas e melhoramentos que inoculem nova seiva na vida da nossa terra; é criticar tudo e todos que contribuam para criar o meio onde proliferem os micróbios que a podem matar.

Louvar só, é lisonja servil, porque nem as instituições nem os homens são totalmente perfeitos; só denegrir, é ódio ou inveja, porque nem tudo no homem ou nas instituições pode ser mau. Mas a crítica depreciativa por sistema, é ainda mais criminosa, quando os olhos se fecham herméticamente às grandes realizações e se abrem desmesuradamente para focar e avolumar pequenos senões que são afinal apanágio de toda a obra humana.

(Continua na página 2)



## Erudição e Cultura

Pelo DR. ANDRADE NOVAIS

**V**OCÊ é um «amigo de Peniche»... porque, sem nenhuma razão de queixa, nos consome ou tenta consumir... — Eu bem sei, prezado leitor, que te tenho consumido com o método científico: seu carácter e suas fases essenciais — teima que teima no método científico... Contudo, só por isso, não me diga dos tais de Peniche, que o não faço por mal nem para mal... Eu explico-me:

Reconhecem todos — todos: gregos e troianos — que, do ponto de vista cultural, nós nem sequer somos já capazes de engatinhar, mal de rastos. Ora, o espírito crítico e tolerante — e tolerante, porque crítica — que só o método científico sugere, sugere e vai criando — seja: o espírito crítico na verdade construtivo, e construtivo porque, se destrói é para acto contínuo substituir doutrina, teoria ou conceito que por seu mal caducou, por teoria nova, conceito novo ou doutrina nova que melhor interprete, relacione ou explique os factos — esse espírito, famos dizendo, é o único caminho conducente à cultura dum povo, digna ela do nome.

Logo, quem visa à cultura real não pode, não deve deixar de insistir no método científico, como meio essencial a esse fim. Alí tem, amigo, a minha explicação...

— Mas então você reduz tudo à mera cultura intelectual? — Oh! não: Você deve compreender que o espírito do método, a forma do método é extensível, pode incorporar-se na Moral, na Arte e até no estudo do fenómeno religioso: que é aplicável, em suma, a todos os factos ou fenómenos que caíam sob nossa observação. A modalidade sob a qual se aplica pode ser diferente, e de facto o é dum domínio para outro; a substância, porém, permanece: o espírito, porém, permanece o mesmo. Ora, se não erro, esse espírito científico — seja: esse espírito crítico — tanto se pode ir criando estudando obras científicas, como estudando e admirando obras Literárias, de moral e de religião mesmo... Observar atentamente os factos, formular cada um em seu espírito uma hipótese que os ex-

(Continua na página 2)

## «Vila nuncupata fano»

2. Ainda a igreja de S. Paio

Pelo Coronel Zeferino Sequeira

**D**ADA a falta dos elementos indispensáveis para fixar uma data, mais ou menos certa, da construção desta igreja, necessário é buscar fundamentos aceitáveis que nos permitam por hipótese, mas não por simples fantasia, aproximar quanto possível essa data ou duma ou doutra das balizas anteriormente estabelecidas.

Nesse intuito, logo a nossa atenção é atraída pelo facto de entre o ano de 923 (aceitando, embora com reserva, a referência de Argote) e o de 959, ter tido a «villa» de Fão, pelo menos, seis proprietários a que correspondem cinco transferências de posse das quais três por doação, uma por transacção e uma por causa desconhecida.

Evidentemente que, só por si, este facto não tem nenhum significado especial; contudo torna-se notório ao lembrarmos-nos que então — na época da reconquista — a principal, senão a única, riqueza consistia na posse de terras, muitas terras mesmo, e na sua exploração. Diz Lúcio de Azevedo (Épocas de Portugal Económico): «A reconquista tendia a grangear terras para se estabelecer nelas, e homens para as cultivarem».

Porque o dinheiro era pouco, era com as terras conquistadas aos árabes (ou confiscadas aos grandes, sempre turbulentos) que os reis pagavam aos condes, aos bispos, aos seus companheiros de armas os serviços que estes lhe prestavam nas guerras. E se pagavam a eles próprios.

Por que assim era, e foi durante séculos ainda, causa de facto estranha o manifesto desprendimento com que estes proprietários se desfaziam duma «villa» que era de bem razoáveis dimensões. Mas este desprendimento era justificado. Toda à beira-mar, terreno plano e desabrigado, com condições climáticas pouco favoráveis às duas culturas mais importantes, a dos cereais (trigo, cevada, centeio) e a da vinha, Fão devia, na verdade, ser pouco rendosa, mesmo com o acréscimo das salinas. Este fraco rendimento tornava-se ainda mais sensível com a falta, cada vez maior, de braços e animais de trabalho, falta essa devida às lutas cons-

tantes entre cristãos e mouros, alteradas, nos seus intervalos, com as lutas intestinas, não menos desvastadoras, de cristãos contra cristãos, ou de mouros contra mouros.

Fão renderia pouco. Nem daria sequer para os alfinetes da D. Gonterode que dela se desfez — sem dúvida, com vantagem — sem se preocupar com o facto de lhe ter sido ofertada pelo marido.

Mas, não era só o diminuto rendimento da «villa» que lhe alienava o interesse dos seus donatários.

Fão, dista uns 45 quilómetros do rio Douro que, em 959, separava os cristãos da Galiza dos árabes subordinados ao Alcaide de Santarém, cujo território se estendia de Vila Nova de Gaia para Sul. É certo que estes árabes haviam prestado vassalagem ao rei de Leão e Galiza Ramiro I que os deixara ficar vivendo na sua fé e segundo os seus costumes tradicionais, mediante o pagamento de tributos. Mas eram árabes e não era prudente contar com o seu auxílio para a defesa da fronteira.

Por 919 Abdu-r-rahman III a quem já se fez referência, com um forte exército, transpôs o Douro, perto de Osma como se intentasse invadir Castela, vindo depois pela margem direita deste rio pôr cerco ao pequeno burgo que era o Porto e que Afonso III havia fortificado.

Ordonho II de Leão, incerto das intenções de Abdu-r-rahman limitou-se a observar de longe, com as suas tropas, os movimentos deste até que a situação se esclarecesse.

Era conde do Porto Gutierrez Mendes Arias que nesse cargo sucedera a seu pai, já idoso, o conde Hermenegildo (seria este o marido de Mumadona?), que esforçadamente repeliu todos os assaltos com que os mouros pretendiam apoderar-se da cidade que lhes impedia, como impediu dessa vez, o avanço pela Galiza.

Ordonho II acorreu em socorro dos sitiados deparando, acima de Campanhã no caminho de Valongo, com Abdu-r-rahman que, sem levantar o cerco, o estava esperando com as forças disponíveis. Travou-se encarniçado combate que durou o dia inteiro sem que a vitória se inclinasse

# POSTAIS DE BARCELOS

**C**OSTUMA dizer-se que os meios pequenos tem certos defeitos que não se descobrem nos meios grandes. Isto é capaz de ser inteiramente verdade. Assim notamos nesta Terra, tão carecida de valores, um defeito tremendo que consiste em não aproveitar as boas vontades e até pretender inutilizar os que, tendo reais qualidades, poderiam, no futuro, vir a fazer sombra aos que, numa concepção inteiramente errada da vida, pensam que só eles, eles sôzinhos, mandarão eternamente...

A cidade, os problemas, as aspirações de Barcelos mais ninguém sonhará resolvê-los sem o beneplácito dos soberanos. Este defeito desta terra é capaz de ser comum a outras terras e é bem possível que os meus presumíveis leitores estarão a rever defeitos dos meios em que vivem e que, como este, são meios pequenos. Entretanto estes meios pequenos têm grandes problemas que nunca serão resolvidos sem o contributo generoso de todos. Onde se

mantiver o espírito de desunião aí ficará a sombra da derrota. Forças desunidas arruinam. E, este mal é bastante comum em meios pequenos e, talvez por isso mesmo, muitos dos mais legítimos anseios das populações continuem a dormir um sonho prolongado, e tão longo que nos dará a impressão aterradora de que é eterno.

Pois, decididamente, entendemos que é urgente acordar para uma era de realizações. Nota-se, por parte do Governo Central um desejo de melhorar situações e de compartilhar amplamente obras consideradas de utilidade pública. O que parece indispensável é que os responsáveis pelos destinos dos pequenos meios trabalhem, peçam, exijam dos poderes públicos esse indispensável contributo para a realização de obras necessárias às populações. A falta de prestígio e dinamismo de alguns elementos faz com que tudo continue, nesta terra, inteiramente adormecido.

Todos unidos vamos construir um futuro melhor.

## Notas pessoais

Causou grande celeuma, nos meios barcelenses, a deliberação da Câmara permitindo a construção de um pequeno edifício, na praça de automóveis, para venda de gasolina, não respeitando conveniências nem a estética da cidade.

Reuniu o Concelho Municipal em que tomou parte, pela 1.ª vez, como representante da Misericórdia, o Dr. Manuel

Faria, conservador do Registo Predial e Provedor em exercício da Santa Casa.

Foi nomeado presidente em exercício da Comissão Municipal de Assistência o P. Abel Costa.

Reuniu a Assembleia Geral do Oil Vicente para proceder à escolha dos novos Corpos Directivos. A actual Direcção, de que é presidente o dinâmico P.º João Pereira Linhares,

desenvolveu trabalho digno de mérito.

As ruas de S. Francisco e D. António Barroso precisam de ser arranjadas, pois o seu piso está em estado deplorável.

Estão a realizar-se, no Templo do Senhor da Cruz, com grande afluência de fiéis, as conferências quaresmais. É orador o Rev. Júlio Vaz, do Diário do Minho. — C.

## Saudação

(Continuação da página 1)

Por isso, gostosamente saudamos o homem, que tem dado o melhor do seu esforço, através duma obra notável de valorização da nossa terra.

Não reconhecer esse esforço patente na obra da Câmara actual, é miopia; é doença grave que, felizmente, pouca gente ataca neste torrão de sol e claridade.

Poucos ou nenhuns acreditariam há quatro anos que o nosso Concelho despertasse tão rapidamente do marasmo em que se encontrava e assistiu a essa série de empreendimentos que ninguém honestamente pode negar. Mais e melhor, talvez; mas o que está feito e em vias de realização é tanto e tão grande que bem merece este aceno de simpatia e incitamento de O Fangeiro no início de mais um ano, para continuar com o mesmo afinado esforço a trabalhar pelo engrandecimento da nossa querida terra.

para um ou outro lado, e diz-nos frei Pereira de Novais (Anacrisis Histórica — 2.ª parte — 2.º vol.) que vimos seguindo:

«Y, fué tan refuido el ataque y porfiada la Batalla, ... y fué tanta la sangre, que se derramó del Inimigo que el Rio que Baxa de aquellas Montañas a meterse en nuestro Duero. Vistiendose de lo purpuro de la Sangre, se quedó con el nombre, que oy Conserva, de Ríotinto»...

Abdu-r-rahman vendo gorado o seu intento, levantou o cerco e retirou com o seu exército, durante a noite, atravessando o rio por alturas de Avintes e sem ser molestado; regressou a Córdoba.

Estava governando, no Castelo de Gaia, Zadan-Zada-Cid (pai da formosa Zaahra que, posteriormente foi raptada pelo rei Ramiro) que, apesar da sua vassalagem ao rei leonez, se manteve totalmente alheio a estes acontecimentos.

Foi a heróica e porfiada resistência dos portugueses que, dando tempo à chegada de Ordonho II, salvou as terras de Entre-Douro e Minho de serem invadidas e desvastadas.

Vê-se, pois, que nem o obstáculo do rio, nem a existência de mouros amigos na margem esquerda deste, cobriam de qualquer modo a fronteira sul da Galiza, da qual Fão distava menos de um dia de marcha para a veloz cavalaria sarracena.

Fão, Braga (ainda em ruínas e quase despovoada), o mosteiro e a póvoa de Guimarães estavam, pois, à mercê das algaras dos sarracenos e das depredações dos grandes senhores ambiciosos e irrequietos.

Nem do lado do mar havia segurança.

Piores que os sarracenos e que os cristãos desavindos, os normandos, ou homens do norte, oriundos da Suécia, da Noruega e da Dinamarca, desde meados do século IX, nas suas embarcações de duas velas formando esquadras sob o comando de um Kuning (rei) e arrostando audaciosamente as violentas tempestades do mar do norte, andavam assolando as costas da França e da Espanha, chegando até à Itália. Desembarcavam de súbito, matavam, pilhavam as povoações indefesas e tornavam a embarcar.

Numa das suas expedições, os normandos chegaram até próximo do mosteiro de Guimarães pelo que, diz-se; Mumadona em 957 mandou construir uma torre (ou castelo?) sobranceiro a este para refúgio dos monges e monjas e dos poucos habitantes que à sua sombra lá habitavam.

Sem dúvida, este desolador panorama justifica plenamente o manifesto desinteresse que estes sucessivos proprietários de Fão mostraram por esta «villa» que além do mais era pouco rendosa e quase desabitada.

Desinteressados como estavam, teria tido algum deles a lembrança de mandar construir uma igreja que nem sequer as necessidades espirituais dos poucos e dispersos moradores justificavam?

Em 959 ainda não devia existir a igreja de S. Paio de Fão que posteriormente foi fundada pelo Mosteiro de Guimarães.

Mas quando?

Claro está que a simples passagem da posse da «villa» para o mosteiro não acabou com a atmosfera de insegurança e intranquilidade que envolvia o território de Entre-Douro-e-Minho.

Muito pelo contrário, tudo se agravou e muito.

Nos 41 anos que vão de 959 ao ano mil, as habituais discórdias intestinas entre o rei de Leão e os grandes da Galiza culminaram numa guerra fratricida entre o rei Ramiro III e o seu futuro sucessor Bermudo, guerra que dividiu e enfraqueceu o exército leonez. No tempo de Ramiro III (966-984), os mouros de Sevilha atacaram Guimarães de noite e de surpresa, retirando de lá só passado algum tempo.

Surge, por 976, o rerrível Almançor — o Vitorioso, hajile (primeiro ministro) e tutor do califa nominal de Córdoba, Hirschau II, que em mais de cinquenta batalhas reduziu os reinos cristãos a pouco mais dos territórios do antigo reino de Oviedo. Aproveitando o enfraquecimento dos cristãos, feito umas vezes com uns, outra com outros dos seus partidos,

# Erudição e Cultura

(Continuação da página 1)

plique e procurar depois, com o coração ansioso aliás, se os factos a confirmam ou não — e no caso de não humildemente dar a mão à palmatória — eis tudo e em todos os campos. Que hábito se cria assim? — O hábito de não mentir a si mesmo e, portanto, aos outros; o hábito da *probidade intelectual* e consequente compreensão e tolerância... O hábito da fácil e natural compreensão de que o errar é condição humana; o hábito, portanto, de ser compreensivo em face do erro, de discuti-lo e deixar que o discutam — mais: amar e provocar mesmo essa discussão; o hábito, pois, de repelir a *mentira*, que no fim de contas a todos enoja.

A Ciência visa ao que as coisas são; a Moral ao que *devem ser*. Contudo, sem sabermos o que as coisas são, não se pode, conscientemente, saber o que elas devem ser. A Ciência, portanto, esclarece a Moral e a Moral diz o uso que a Ciência deve ser feito, o modo como as coisas devem ser ordenadas. Sem espírito científico, pois, não há nem pode haver Moral sã. A Ciência e a Moral são como que irmãs gémeas: crescem e desenvolvem-se a par. De resto, assim devia ser: que ambas elas afinal são filhas do *dever ser*: A Ciência é filha do imperativo íntimo de que as coisas *devem ser inteligíveis*; a Moral do imperativo íntimo de que as coisas, uma vez entendidas, uma vez sabido o que elas são, devem ser *ordenadas* de certo modo, delas se *deve fazer* certo e determinado uso. E isto, a meu ver, não é um conhecimento das coisas estranho ao científico: é antes como que *complemento* dele: completa-o. Abaixo os compartimentos estanques: que a Alma é só uma, é uma unidade. Ter esta

visão é ver com toda a Alma o que seja a educação integral: e não apenas em palavras. Menosprezar a educação intelectual, a *probidade* intelectual, é aleijar a educação, é mutilar a educação. Olá se é!

Com efeito, em fundo de **O Fangeiro** de 15 do corrente, sob o título de Jornalismo a Sério, Félix da Cruz acentua com vigor o erro crasso e perigoso que cometem — aliás orgulhosos disso, segundo parece — os que se esquecem destas sãs e elementares verdades, salientando outrossim com não menos vigor o triste e amargo desmoronar de construções que, desprezando-as, se construíram. Uma amostra: «Fazer um tremendíssimo barulho à volta dos actuais julgamentos, (os de Cuba) sem uma referência, por ligeira que fosse, aos acontecimentos que condicionaram o actual estado de coisas, mostra à evidência que, neste mundo de Cristo, o *medo à verdade* é cada vez mais e as atitudes de verticalidade e de *dignidade*, se estão a perder completamente».

Por sua vez, em «O Cávado» de 8 deste mesmo mês, na sua página 3, Sérgio de Montreal, sob o título Filosofia Contemporânea, nota com igual vigor e tom amargo, que entre nós não há *cultura filosófica*. Uma amostra: «Portugal será, pois, um zero no campo da Filosofia contemporânea». E que é filosofar, leitor amigo? — É aprofundar *criticamente* as nossas noções usuais e analisar criticamente os nossos preconceitos; é indagar *criticamente*, admitindo sempre e sinceramente a nossa possibilidade de errar, as bases lógicas das nossas crenças e opiniões, suas raízes; compará-las e varejá-las para ver o que do varejamento fica — e fica seguro.

## Uma prenda de D. Alice de Campos Morais nos anos de O Fangeiro

No aniversário de O Fangeiro recebemos várias provas de carinho e entre elas avulta o presente que gentilmente nos ofereceu a Excelentíssima Senhora D. Alice de Morais de Campos. A sua bondade e as qualidades de inteligência, generosidade e fidalguia que

exornam o seu coração diamantino, tornam-nos credores da maior e mais sincera gratidão. Aqui lhe estamos a agradecer a valiosa oferta de mil escudos que teve a gentileza de fazer ao nosso jornal, demonstrando assim a sua simpatia pelo Fangeiro e, do mesmo modo, a compreensão nítida dos esforços e preocupações que temos para levar, quinzenalmente, aos nossos amigos e assinantes, notícias da sua terra.

O exemplo da distinta Senhora não podia ficar no anonimato e queremos torná-lo público pelo que revela de bondade, compreensão e generosidade.

Bem haja, Senhora D. Alice de Morais Campos e que Deus lhe pague.

em contínuas e sangrentas correrias, por Castela e Galiza, deixou em ruínas cidades e povoações, arrasou muralhas, talou campos, saqueou tudo e matou ou fez captivos todos os que encontrou no seu caminho. Porto e Braga em ruínas, desmantelado o castelo de Guimarães arrasadas as muralhas de Compostela e em ruínas a igreja de S. Tiago, em ruínas as cidades de Leão e Astorga.

(Continua no próximo número)

# FOLHA DE EVA

## CRÓNICA DO PORTO — O vendedor ambulante

POR ODETTE GAVINA

**N**UM recanto movimentadíssimo desta barulhenta cidade, colocado mesmo num local bastante em foco para centenas de seres humanos que diariamente para aqui se deslocam vindos de vários pontos do norte do País, às oito e tantas da manhã já está de «porta aberta» o vendedor ambulante, feito comerciante risinho e procurado e para quem não há horário de trabalho!

Em pleno Inverno—se bem que ultimamente o nosso benigno (às vezes...) clima nos tenha ofertado uma amena temperatura primaveril—mesmo naqueles dias mais frígidos e molhados, o gentil homenzinho, de sorriso estampado no rosto triqueiro, ocupa fielmente o seu posto de mangas arregaçadas—sim, senhor!...—e por cima da camisa de tecido de feira, já diversas vezes arrependada, enverga um simples colete um tanto coçado que, ilusoriamente, lhe dá o conforto para o seu dia passado inteirinho ao ar livre!...

O balcão rolante, feito de bocados de madeira velha, está constantemente assediado de compradores de momento e clientes habituais que ali vão deixar, quase sempre, a caneta de «tinta-permanente» em conserto no que, parece, o risinho comerciante é perito...

É neste «rame-rame» que assim vai

ganhando o seu pão quotidiano, sem dúvida que muitas vezes, também, regado abundantemente pela chuva impertinente que ali cai às catadupas!...

Há dias, passando por ali como de costume, olhei por velho hábito o «estabelecimento» rolante e estaquei de certo modo surpresa ante o que vi colado às paredes carunchosas do balcão: umas largas tiras de papel branco onde, em letras gorduchas e pintadas de encarnado, se liam estas palavras vistosamente convidativas: *Semana económica!*

Não deixei de achar uma grande piada à *semana económica* do homenzinho que, assim humoristicamente, chamava a atenção de quem passava para o seu negócio... ao desbarato!

E até ao vendedor ambulante, onde os artigos à venda já por si não carecem de carteiras recheadas para qualquer aquisição, é necessária a publicidade!...

Os negócios estão maus... dizem.

As semanas sucedem-se...

E o balcão de cor indecifrável, sereno e passivo, lá permanece sempre no mesmo sítio, enquanto o seu proprietário (...o ar livre é tão barato!) continua firme no seu lugar encoberto atrás desse sorrisozinho de encomenda a triste incerteza económica do dia de amanhã...

# NO 1.º ANIVERSÁRIO

(Continuação da página 1)

panhas mantidas por interesses inconfessáveis.

Que a grande imprensa é um paradoxo.

Nela, o lixo tem o brilho do ouro e, a banalidade, a borla e o capelo.

Nela, o assassino político tem o retrato emoldurado em parangonas gordas a dizerem hinos de louvor e, o ladrão encasacado, as homenagens que se devem ao homem honrado.

Que parte da sociedade apodrece no mais fofo comodismo, trilhando o caminho do crime em trens faiscantes, olhando de soslaio os que se sacrificam, dando gritos contra o governo numa adesão falsa a sistemas que a condena e mata, e levando na alma o cirro negro do remorso.

Que a doutorite é uma doença contraída no ventre da mãe Universidade e que passa, na medida em que o doente ganha em saber e educação.

Que os brancos são como os pretos em matéria de penachos e daí, a filha do soba ser dada ao preto mais enfeitado.

Que o DR, em muitos casos, não passa de brincos em orelhas de selvagem.

Que no campo do espírito... temos campos relvados e carecas com uma pelota aos pinchos, o refe às apitadelas para espevitado o cérebro de vinte e dois sá-

bios que com os pés abrem os portões do Enigma e passam rasteiras àqueles que fritam os miolos e largam o cabelo no fogo do entusiasmo para encontrarem o remédio para os males que afligem a humanidade. Que no anfiteatro o delírio envolve os grandes adeptos que, acompanhados da esposa, jogam patadas à decência, babam-se até às fraldas pelo ídolo em calções e dão à cara metade a cara toda de maridos bons, a pedir prémio no sítio da cabeça onde começa a cabeleira.

Que durante toda a semana, os intelectuais da nossa praça, com a ênfase de caloiro em casa de analfabetos, falam do Águas, emborcam vinhos, jogam o dominó e lêem a grande revista literária-científica «A Bola Esquinada».

Que durante toda a semana, os honrados de melo trazem atravessada nos dentes a honra alheia que sofre a cada passo da oração, na capelinha do «ai, que penal», dentada de tigre esfomeado.

Que vou pousar, por momentos, a pena por causa das náuseas.

E agora com uma gárgalhada saída do espaço mais iluminado da alma, naquela zona onde não mora o pecado, naquele cantinho onde se nós morássemos constantemente seríamos santos, ergo a minha taça e bebo um traço de vinho da velha

cepa tradicional para festejar com toda a simpatia, para agradecer com o mais profundo reconhecimento, a todos os Colaboradores.

Pela presença assídua, pela inconfundível lealdade e carinho, pela generosidade sem afrontas, pelo valor das composições, que tem sido o timbre de quantos têm vindo até ao nosso jornal, nós não o esqueceremos.

Ele vale pelo que vale a colaboração.

Ele vale muito.

Ele nasceu para endireitar o mundo, doce ilusão de quem não conhece o mundo. Mas o mundo não está mais torto, logo, ele estabelece o equilíbrio.

Vaticinaram-lhe curta existência, já passou um ano.

Escarneceram dele e atiraram-lhe pedras, ele cresceu.

O inimigo usou todos os processos para o desalentar, ele deve ao inimigo o não ter ficado pelo caminho.

Ele não veio ao mundo para descobrir o descoberto, ele veio para defender e encorajar os que lutam pela comunidade e a comunidade dos que atentam contra ela.

Ele nasceu com os olhos na História e esta é a Mestra que nos indica o Caminho.

Há quem diga que ele está recuado no tempo, mas Roma não recuou quando

# As três uvas passas

Por ANTÓNIO RODRIGUES LEITE

**T**RINTA E UM de Dezembro, a noite vai lançando o seu manto escuro, Iolanda presentindo-a, vai para o guarda-roupa, escolher o vestido para levar ao baile de passagem de ano, enquanto ia pensando na maneira de como iria passar a noite.

O telefone tocou.

— Estou...

Iolanda?... Sim, daí?... Mariana, boa-noite.

Boa-noite.

Esqueceste o baile?... Não... não esqueci Mariana...

Vamos ter uma noite formidável... Um fim d'ano maravilhosos.

Tens a certeza?... Assim o assevera meu irmão que está junto a mim... Ora escuta...

Iolanda franziu as sobrancelhas, trocista, pensando.

— Falaram toda a semana, de mim, Mariana é muito boa...

Iolanda creia que vamos ter uma noite inesquecível, não pode faltar, irei buscá-la às nove em ponto... Esteja pronta... Sim?... Sim prometo... Às nove... Até já.

Iolanda era uma rapariga de elevada beleza...

Tinha uns olhos verdes iluminados de um intenso brilho, que lhe sobressaíam num rosto de linhas bastante correctas e, uma boca de lábios um pouco sensuais, mas recortada a capricho.

Toda ela era harmonia... Na elegante curva das ancas, no tornozelo nervoso que dava fim a uma perna bem moldada, no busto alto de seio provocante, que ela deixava adivinhar através das blusas muito leves e quase transparentes, ou ainda por peças de malha muito justas que sempre usava.

Iolanda levava uma vida des preocupada, apenas pensava no meio de conseguir distrações para passar o tempo a divertir-se.

Na sua vida somente existia uma amiga, Mariana. Esta rapariga muito terna e de uma beleza peregrina, é dotada de um coração generoso e sensato, pelo que Iolanda a procura em todos os momentos de maior monotonia para consigo desfiar o rosário de recordações.

Mariana escutava-a com silencioso respeito. Ansiava que ela terminasse as suas queixas, pois custava-lhe vê-la sofrer.

Iolanda porém, dir-se-ia querer sacrificar-se e continuava a relembrar o seu primeiro amor.

Vivia com seu pai, que a

aspirou os perfumes e cintilações de Atenas.

Há, também, quem diga que ele não fala da sua terra com a insistência dos sininhos da ermida em manhã de Aleluia. Mas, ó vil injustiça, ele não nasceu para honra e glória de Fão?

queria com um curso, escolheu o comércio, era mais rápido, nunca gostara de estudar.

Na formatura, o seu progenitor dera uma festa, para a qual foram convidadas todas as suas colegas e os rapazes mais íntimos da escola.

Foi aí que seu pai lhe apresentou José Duarte, em breve seria engenheiro e era filho do seu sócio de negócios.

—Tinha então, dezoito anos. Amavam-se profunda e apaixonadamente. Trocavam longas cartas em verso e em prosa. Quantas infantilidades tinha feito?...

E recordou.

— Ainda me lembro que numa carta lhe dei um beijo fremente, no qual traduzia todo o meu amor, pintara os lábios pouco antes para que ficasse bem marcado o desenho da minha boca...

— Depois viera a fatalidade bater-lhe à porta. Sua mãe fugira com o seu professor de piano... Seu pai para evitar-lhe um desgosto maior com a exigência do divórcio nos tribunais, mandou-a para a sua casa de campo. José Duarte não se importou, talvez escandalizado com o sucedido...

— Ingrato, como lhe foi fácil enganá-la, iludí-la... Ah... Mas eu saberei vingar-me, desprezando todos aqueles que me confessarem amor...

Mariana era compreensiva e meiga, tentando aliviar-lhe o sofrimento, afagou-lhe os compridos e loiros cabelos, ao mesmo tempo que lhe dizia.

— Não te enerves Iolanda, ainda há-de ser muito feliz... Mudando de tom, perguntou-lhe.

— Sabes que dia é hoje?

Sim Mariana, sei, hoje são 23, amanhã dia de consoada, triste dia, faz um ano que minha mãezinha morreu, gelada, ajoelhada à porta da casa que já fora sua, implorando o perdão do seu ex-marido e sua filha, a quem fizera infelizes...

Iolanda dando um desesperado grito lançou-se nos braços da amiga dando largas ao pranto e sofrimento que lhe oprimiam o peito.

Mariana também chorava, custava-lhe ver sofrer assim aquela criatura tão nova e bela. Assim estiveram mais uma hora, foram despertadas daquele torpor de sofrimento pela criada que perguntava se o lanche era servido ali, no quarto da menina.

— Sim serve aqui... Enquanto Mariana servia o chá ia dizendo.

Na passagem d'ano, vais a minha casa, organizei um baile e tu não podes faltar, meu irmão António virá buscar-te, ele está também ansioso por te voltar a ver... Terei também muito prazer em vê-lo, podes crer, disse Iolanda.

Depois despediram-se, Iolanda já aliviada por ter desabafado, Mariana contente por ver que ela ficava mais alegre.

(Continua)

# CARTAS DE LISBOA

Lisboa, 2-II-59

Meu querido Amigo  
e Compadre:

**H**OJE mesmo lhe escrevo para lhe dizer da minha fé em Deus, e da minha crença de que Ele castiga sem pau nem pedra.

Hoje mesmo li, em diário da tarde desta provincia encolarinhada, o que em Viana — a do Lima — havia com a estátua, já colocada no local, do navegador Alvaro Fagundes da autoria de Joaquim Barbosa, acusado em suspeitas de plágio do Bartolomeu Dias, de Barata Feyo, na cidade do Cabo.

Não afirmo nem nego: o Bartolomeu Dias, de Barata Feyo teve o gosto de o ver, e a honra de falar nele num programa que na televisão me encomendaram.

De resto o nome de Barata Feyo — e o que o nome avalisa — é penhor mais que suficiente, e que lava a testada, como soi dizer-se, de qualquer ministério ou de qualquer edilidade.

O problema de Viana e do Alvaro Fagundes é um exemplo, e é uma brilhante lição.

Desconheço quem é Joaquim Barbosa, autor da peça, mas não desconheço, nem ninguém de mediana leitura deve desconhecer, que uma escultura, que neste caso concreto é uma estátua, não é positivamente trabalho que se possa entregar a um qualquer, que se diga escultor e a quem, por amizade ou por limitado custo, se entrega um trabalho de tal responsabilidade.

Não culpamos o Sr. Joaquim Barbosa que se copiou ou não uma obra de Barata Feyo, só ele o sabe; não culpamos o Sr. Joaquim Bar-

bosa que, copiando ou não, se limitou a fazer o que sabia.

Nunca culpamos o Senhor Henrique Moreira que fez a «Nostalgia», e o monumento ao bombeiro que está em Barcelos, desfazendo sob uma farda uma peça conhecida de quem folheie catálogos; nunca culpamos um amator, de espalhar no distrito de Aveiro «caraças» parecidas com os que se pretenderam homenagear; nunca culpamos Armando de Basto de não ter feito piroetas na Arcada em Braga para ser visto, nem Raul Xavier de ter feito um boneco parecido com uma das figuras mais notáveis do nosso século.

Nem Henrique Moreira, meu Amigo e Compadre, nem o advogado Dr. Cristo, nem Raul Xavier podem ser incriminados; nem o Sr. Joaquim Barbosa.

Uns e outros fizeram o melhor que sabiam, e tão bem quanto podiam.

É injusto transformá-los em «bode espiatório», eles simples artifices com loja aberta para satisfação de encomendas a quem os procure.

Com que direito se levantam hoje em Viana do Castelo contra o autor do que chamam a «estátua do navegador Alvaro Fagundes?»

Que responsabilidades pode ter quem dá tudo o que sabe, e o melhor que tem do seu talento, do seu ofício e do seu génio?

Se eu lhe disser que entre nós, basta ter exposto uma vez, para ter o direito de averbar no cartão de identidade a profissão de artista plástico; se eu, Compadre e Amigo, lhe disser que, para concorrer a um

concurso para uma estátua, basta ter-se inscrito no «guichet» de certa repartição como escultor; se eu lhe disser que, para ganhar um concurso para execução de uma estátua de 3 metros, basta que o júri classifique em primeiro lugar um esboceto de 90 cm....

Gostava de saber quem são, Compadre e Amigo, os responsáveis pela peça de Viana de quem tanto se fala: quem a fez não é, pois só fez o que sabia, e o melhor que sabia.

Como está mais perto... veja se me conta.

Abraços do Amigo e Compadre

Joaquim Pais

## PENSAMENTO

A GABRIEL VELASQUEZ

Que só me sinto aqui,  
Que tédio o meu neste viver,  
Queria voar, voar, fugir daqui,  
Voar até não mais poder.

Voar até que as asas se cansassem,  
Voar até ao infinito, sem fim,  
Voar até que os olhos perdessem  
De vista, este torrão, mísero p'ra mim.

Voar 'té onde houvesse perfeição,  
Voar sempre, era desejo meu,  
Voar sempre, naquela direcção,  
Que nos leva direitos a Deus.

Costa e Silva

# A Velha Terra de Fão

Por MANUEL DE BOAVENTURA

**A** propósito da localização de «Aguas Celenas», Dr. Jerónimo Contador de Argote, diz no tomo II das *Memórias de Braga*: «Onde precisamente estava assentada *Aguas Celenas*, se na margem Septentrional, se na Meridional do rio Cávado, não se pode saber; presume-se com tudo, que na Meridional, onde hoje está a Villa de Fão, porque esta em huma demanda que trouxe com a de Esposende, sita na margem oposta, provou que era mais antiga.»

Com efeito: o assento da velha cidade romana, na opinião de outros antiquários era na Galiza, e isso parece prová-lo o *Itinerário* de Antonino Pio, que lá localiza uma *Aquis Celenis*, com vá-

rias grafias, segundo os *Códices: Selinis, Scelenis, Celinis*.

Outra nota informa: «*Aquae Celenae si caeden sunt quae memorantur antec via eo loco ponendae erunt quonunc legitur Ad Duos pontes, ita: Vico Spacorum — Aquis Celenis*».

E marca — «*Item per loca marítima a Bracara Asturicam*» — 207 estádios, cerca de 85 quilómetros; ou 70, em outra contagem.

Ora de Braga a Fão, a distância não vai, muito além, de 30 quilómetros.

É pois provável que a *Aguas Celenas*, de Antonino Pio fosse na Galiza — lá para as proximidades de Vigo. (Vico Spacorum).

Mas isto não invalida que outra povoação, do mesmo nome, aqui tivesse assento, e na qual se realizou o célebre concílio contra os presbiterianos, ao qual presidiu S. Tosibio, no tempo de S. Leão, Papa.

Será Esposende mais novo? Antes da Vila Spanusindus, não teria existido outra povoação, na margem direita do Cávado?

É um problema. Todavia, nas recentes obras de saneamento da Vila, ao abrirem a vala para assentamento da canalização, foram encontrados na rua Direita, em frente à Avenida de Góios, a mais de metro de profundidade, valiosos fragmentos de olaria, talvez de ânfora, e rebordos de vasos de ir ao fogo, que atestam muita antiguidade. Isto é prova de ali ter vivido gente, para lá de dois, ou três mil anos.

A dúvida apresentada por D. Jerónimo, tem, pois, razão de ser. É mesmo natural que, atendendo à amenidade do local, e à localização, na foz de um rio importante,

que existissem duas povoações, — uma em frente da outra, igualmente importantes, naqueles nebulosos tempos.

A exaustiva monografia «*Vila nuncupata Fão*» que o erudito investigador, Senhor Coronel Zeferino Sequeira, vem publicando neste jornal, é possível que nos traga alguma notícia sobre o assunto.

Mas a falta de documentos da época, é manifesta e tudo terá de ser architectado sobre hipóteses.

## Além

Está sòzinha, coitada!  
Sentada na branca areia,  
Mas, oh que linda sereia  
A apanhar sol na praia!

Está sòzinha, coitada!  
Sonhos lindos afagando;  
E sonhando e ressonhando  
Esquece o vai-vém das horas.

Nem porventura ela pensa  
Que a espreitam alguns olhos—  
Fiquei preso dos abrolhos  
Que achei na minha viagem.

Em vão luto e estrebuchos  
Em busca do que não tenho;  
Já há tantos lustros que venho  
A procurar-me e não me acho.

O meu agora alcançar-me  
Logo se faz em Distância:  
Morre uma, nasce outra ansia—  
Que viver tão de incertezas!

A. Filipe

# A Coragem Moral e a Vida

Por A. ROCHA MARTINS

**T**ODO o homem, por mais insignificante que seja a sua actividade e posição perante os seus semelhantes, tem necessidade de verificar, em determinadas oportunidades que lhe são adversas, a sua coragem e a capacidade de sofrimento para vencer.

Não é corajoso, forte, de rija tèmpera o que se deixa abater e dominar por uma situação adversa, nem o que se irrita facilmente diante da ameaça, leal ou traiçoeira, e se revolta contra tudo e contra todos só porque discordaram dos seus processos, das suas opiniões e das suas ideias. Essa discordância pode ser declarada abertamente, cara a cara, assumindo responsabilidades, ou pode ser insinuada,

covardemente, para perturbar e tentar impor valores e direitos que a fantasia ou a paixão geraram.

O homem de coragem moral, de claro raciocínio e de serenidade é o que analisa o valor dos argumentos e das afirmações e lhes dá, lealmente, a importância

## Cantiga de amor

Entre nuvens, surge a lua:  
Eu, sòzinho na rua  
Olho para ela  
E penso em ti.  
E a lua  
É bela  
Como nunca a vi.

José Carlos de Vasconcelos

que elas tem. Essa importância pode ser inteiramente objectiva, consideradas em si mesmas essas coisas, ou subjectiva atendendo à categoria mental, moral e social de quem as expõe. Em qualquer dos casos o homem, que o é no verdadeiro sentido da palavra, aceita as justas rectificações, corrige os defeitos que venha a reconhecer e despreza tudo o que é fruto do capricho, da paixão, da estultícia ou da vaidade ferida.

No meio das dificuldades é que se mede e pode devidamente aferir a força moral do homem. Os que pretendem molduras e grinaldas por obras que se não vêem devem resignar-se

(Continua na página 5)





## NOTA ACERCA DE UMA

## EXPOSIÇÃO DE GRAVURA

(Continuação da página 8)

— «A Construção do Barco», «Descanso de Pescadores» e «Melodia de Lisboa» — são altamente representativas, salientando-se, no entanto, «Melodia de Lisboa» que, — pela harmonia, pelo ritmo, pela composição plástica, pelo movimento, pela profundidade, pela diferenciação de planos, pelas figuras admiráveis em toda a sua dimensão humana, nos seus traços, nas suas proporções e na sua «verdade» — é das mais belas gravuras por nós apreciadas.

Cipriano Dourado, também com três trabalhos — «Cabeça», «Camponesa» e «Raparigas» — é dos grandes valores da gravura portuguesa. Suas obras são de grande beleza e dum extraordinário poder decorativo: mas, ao mesmo tempo, elas são bem significativas e bem humanas e poéticas. Possuidor dum estilo próprio, este caracteriza-se pela fixação de todos os pormenores, pela exuberância de linhas, pelas formas, pelos volumes, pela composição muito cuidada, pela expressão. Só as «mãos» das figuras de Cipriano — não só destas mas de todas as outras que conhecemos — bastariam para nos dizer que estava ali um artista: repare-se, por exemplo, nas mãos da sua «Camponesa» (especialmente na esquerda) e nas de uma gravura apresentada na exposição da Gulbenkian.

Júlio Pomar, um dos maiores valores da nova geração, mais uma vez se afirma em (por ordem de preferência) «Camaroeira», «Mulher do Mar» e «Na Praia». Suas figuras são profundamente reais, em toda a sua problemática e em todo o seu simbolismo, e Pomar — artista cheio de personalidade — impõe-se, tanto na gravura como na pintura.

Rogério Ribeiro, em «Alentejanos», «Vendedores de Cavalos» e «Debulhadora», mostra-se um artista com muito interesse, com um estilo vigoroso e expressivo, traço forte e seguro. Debruçado também sobre os problemas humanos estudados com grande atenção. Destas suas três gravuras destacamos «Alentejanos».

Alice Jorge, com suas raparigas e suas mulheres, tristes e poéticas, verdadeiras nas suas expressões, de ansiedade e candura, ou de cansaço e esperança; Alice Jorge, dizíamos, é também — com todas as suas características próprias — um dos grandes valores da gravura portuguesa.

De Manuel Ribeiro de Pavia, esse extraordinário artista que — completam-se, no próximo dia 19 de Março, dois anos — morreu de fome e nos legou das mais maravilhosas e representativas obras da arte portuguesa contemporânea, julgo não ser preciso dizer nada. Melhor,

apenas isto: em «Campaniça» e «Terra de Esperança» Manuel Ribeiro de Pavia é Manuel Ribeiro de Pavia — isto o melhor elogio que se pode fazer a um artista da sua estatura.

Luís Ferreira da Silva, bastante desconhecido pelo grande público, dá-nos «Nazarenos» — já apresentada na Gulbenkian — expressivo e trágico, «Mercado» e «Mulheres correndo», que se distingue, sobretudo, pela rara ideia de movimentos dada pelas suas grossas figuras.

Carlos Botelho, Júlio Resende, Jorge Barradas, João Navarro Hogan, José Júlio, Querubim Lapa e Gastão Seixas, são eles mesmos, todos com um estilo pessoal (o de Resende e o de Seixas assemelham-se) e com obras marcantes. Anotemos, entre outras, «Ritmos de Lisboa», de Carlos Botelho, «Mulheres», de Júlio Resende, «Trovador», de Jorge Barradas, «Composição», de João Navarro Hogan, «Cais», de José Júlio, «Peixeira», de Querubim Lapa e «Pescadores com Rede», de Gastão Seixas.

Nos restantes, António Charrua (com uma boa «Mulher sentada»), Bartomeu Cid, Guilherme Casquilho, Jorge de Almeida Monteiro, Mily Possas (com facilidade e graça de desenho), Teresa de Sousa e Gretchen Wohlwill são de interesse relativo, parecendo-nos que alguns destes autores estão ainda procurando o seu verdadeiro caminho.

De António Quadros destacamos «Palhaço», não nos agradando suas restantes obras, «Lagarto voador» e «Galinha» às quais não encontramos nem beleza, nem significado. Também não gostamos das gravuras de António Areal, Max Brauman, Sá Nogueira e Jorge Vieira.

Repetimos, no entanto, ser esta uma exposição de alto nível, do melhor que entre nós se tem feito. Voltamos a felicitar os artistas da «Gravura» e fazemos votos para que continuem na sua muito útil e valiosa obra.



## Falecimento

No passado dia 14, faleceu em sua casa, na rua da Igreja, a Sr.<sup>ta</sup> D. Raquel Faria Gomes, irmã das Senhoras D. Argentina Gomes do Vale e D. Celestina Gomes, e dos Srs. José Gomes e António Gomes, ausentes no Brasil.

À família enlutada as nossas condolências.

## DESPORTO

Fão F. C., 2 — D. Vila Chã, 2

No passado domingo realizou-se o encontro de futebol entre o Fão F. C. e o grupo de Vila Chã.

Fão F. C. apresentou a seguinte constituição: Lauro; Gaifém, Carlos e Américo; Manobra e Amândio; Miro, Condenco, Né, Waldemar e Martinho.

Arbitrou o Sr. Amândio Cardoso, e valha a verdade dizer-se, este Sr. nunca é feliz nas suas arbitragens.

Numa breve apreciação às equipas diremos que o grupo de Vila Chã é uma equipa combativa e nada mais.

Quanto ao nosso grupo faltá-lhes qualquer coisa que os inibe de dar o rendimento preciso. Ainda neste jogo o nosso adversário foi dominado em quase todo o encontro, todos os elementos actuaram com vontade mas, o seu domínio não se concretizou em bolas e assim, chegamos ao final do encontro empatado a duas bolas, resultado fraco se tivermos em conta o valor do adversário.

Golos obtidos aos 15 e 18 minutos da primeira parte por Zé e Manel e aos 20 e 40 minutos da segunda parte por Condenco e Waldemar.

A. Saraiva

## Aniversários

Fizeram anos:

## FEVEREIRO

Dia 9 — Agostinho Ferreira de Miranda.

Dia 13 — A menina Maria de Fátima Ferreira de Miranda.

## MARÇO

Dia 4 — Professora D. Maria Júlia Cubelo de Faria, meninas Maria Manuela Faria Fernandes Igreja e Maria Graciete Fernandes Teixeira e José Palmeira Graça.

Dia 5 — A Menina Maria da Conceição Finisterra.

Dia 6 — D. Rosália Lopes Pinheiro.

Dia 9 — P.<sup>o</sup> Manuel José Gonçalves, Manuel Joaquim Gomes e o menino João Joaquim Campos Vilachã Esteves.

Dia 15 — Joaquim Gomes Soares.

## Doentes

Encontra-se doente o Senhor Cândido Gonçalves Palmeira, a quem desejamos melhoras.

\*

Adoeceu grave e inesperadamente a menina Zita Madalena Saraiva Marinho, filha do Sr. José Marinho e da Sr.<sup>ta</sup> D. Helena Santos Saraiva Marinho.

Desejamo-lhe rápidas melhoras.

## Recordações de uma viagem a Goa

(Continuação da página 8)

Como não podia faltar, ali estava a respectiva banda de música lançando ao ar as suas notas um tanto desafinadas, mas que aumentavam o ar festivo.

Fomos logo visitar a Igreja e aí nos estava reservada uma grande surpresa: é um templo magnífico de linhas tipicamente portuguesas que nos deixou assombrado pelo tamanho e esplendor. Quanta fé e sacrifícios não terá custado a sua construção. Os altares feitos, na sua maior parte de talha dourada, estão cobertos de castiçais, autênticas jóias em prata cinzelada.

Celebram-se simultaneamente várias missas. Paíra no ar uma sensação de alegria festiva; ouvem-se estalar os foguetes e ao som da pequena banda esquecemo-nos de que a família está longe para só nos lembrar-mos de que o povo português está presente.

Pelo meio dia safu a procissão: as mesmas confrarias, as mesmas filas de rapazes e raparigas da Acção Católica, a mesma massa compacta de fiéis incorporados.

Depois do almoço, tipicamente oriental, ainda assistimos a um desafio de futebol que se realizou da parte de tarde num pequeno campo junto à Igreja. Foi um desafio interessante, pois os jogadores andavam descalços e, a cada bola, a banda tocava uma peça.

É quase noite e dirigimo-nos para o local de paragem dos autocarros, a fim de regressarmos.

Enquanto esperávamos ouvimos vozes de crianças que cantavam e dum rua transversal safu uma procissão. Era um grupo de crianças, talvez trinta, todas com velas, conduzindo um retábulo com a imagem de Nossa Senhora. Isto, segundo me contaram, acontecia todos os dias. Era a «muda» da imagem dumas casas para as outras num ciclo infundável. Esta imagem de Nossa Senhora já há muito tempo que passa na aldeia de uma casa para outra, permanecendo em cada uma um dia e é levada sempre em procissão.

Chegou o autocarro e foi com saúde que deixamos aquela terra onde, mesmo ao levantar das barracas, encontramos uma festa tipicamente portuguesa.

## O Fanguêiro

é impresso na «Tip. Vitória»-Barcelos

## Partida

Acompanhado de sua Excelentíssima Esposa Senhora D. Emília Correia Carneiro, partiu na passada quinta feira para o Congo Belga o nosso prezado amigo e assinante, Sr. João Gonçalves Carneiro, a quem desejamos feliz viagem e prosperidades.

## Chegadas

Vindos de Luanda, encontram-se entre nós os Srs. Manuel Ferreira do Vale e seu filho Manuel Alberto Gomes do Vale.

Também da mesma cidade regressou o Sr. Ramiro Vilas Boas Soares.

## Deslealdade

Na passada noite de 24, o cabo-do-mar da nossa zona, Sr. Mário dos Santos Ferreira, porque alguns pescadores de Esposende apanhavam lampreia nos sequeiros junto à foz do Cávado em noite que pertencia à estacada dos pescadores de Fão, viu-se obrigado a intervir e a prender alguns dos desleais lampreiros.

É de lamentar a desatenção pelos direitos de quem também nesta época vive quase desse exclusivo meio de ganhar o sustento, agravada a situação pela escassez da sabrosa lampreia.

## Novo Zelador

Por motivo da doença que o tem retido no leito, deixou o cargo de guarda e zelador do Senhor Bom Jesus, o Sr. Valentim Gomes de Miranda, passando a exercer esse cargo o Sr. Inácio Martins Palmeira.

ASSINE O

O Fanguêiro

## Livreria MINERVA

Rua 5 de Outubro, 15

— Telefone 333 —

PÓVOA DE VARZIM

Livraria-Papelaria-Artigos Religiosos-Material Escolar

A mais recente e atraente Livreria da Póvoa.

Descontos aos Srs. Professores

## DA MARGEM DIREITA

### DA QUINTA E HONRA DE PALMEIRA DE FARO

(INÉDITO)

A Mestre Manuel de Boaventura

Pelo Dr. E. R.

UMA passagem das Inquirições de 1258 referê-se ao Couto de Palmeira do Faro, ao tratar a freguesia de Marinhas. Diz ela que «os homens de Goios metem-se no couto de Palmeira». Outras referências não aparecem no dito monumento inquisitorial-ao ser tratada qualquer freguesia das terras de Faria e Neiva que hoje compõem o concelho de Esposende.

As Inquirições de 1220 são omissas também. Quer dizer: a não ser o citado passo que fala no couto de Palmeira, o resto é silêncio. Não sendo muito, para ponto de partida pode chegar. E tenho fé que na exiguidade da crónica, algo de novidade se dirá.

Qual o cavaleiro fidalgo que obteve esta zona privilegiada de Palmeira, deixando a Coroa de aí ter certos e importantes direitos? Qual o governante que fez a concessão desse perímetro imunizado? E em que data? Três perguntas a que, por agora, ainda não é possível dar resposta capaz. Uma coisa, porém, é certa: o privilégio é anterior à época em que nos aparece citado pela primeira vez. E fosse qual fosse o titular do couto e a data da criação, a verdade é que em pleno século XIII ele existia. Assim o dizem os inquiridores chefiados por João Peres, juiz da terra de Neiva.

Pela segunda metade do século XIV, é senhor da Quinta e Honra de Palmeira do Faro D. João Afonso Telo, Almirante de Portugal, irmão da rainha D. Leonor Teles. Em 1382, este e sua mulher D. Beatriz de Albuquerque fazem doação da Quinta e Honra do mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde (21 de Julho). É na posse das Claristas de Vila do Conde que fica por mais de 200 anos. Em 29 de Novembro de 1541, o mosteiro de Santa Clara faz prazo da Honra e Couto de Palmeira a Tomé de Sousa e mulher D. Maria da Costa, por mil reis e um carneiro, ou: só um carneiro, mas com a obrigação do emprazado esclarecer os direitos do mosteiro na Honra. Este novo senhor é Tomé de Sousa, o primeiro governador do Brasil.

Embora pelo contrato fosse proibida a venda do prazo, onze anos depois, em 12 de Setembro de 1552, D. Maria da Costa, com procuração do marido (ao tempo ausente no Brasil, a ocupar o cargo de governador geral para que fora nomeado em 1549) vende o prazo da Honra de Palmeira a Pero Afonso Leça e sua mulher D. Filipa Martins.

O mosteiro de Vila do Conde, atendendo aos seus bons serviços, autoriza a compra e faz-lhes prazo da Honra por mil reis e três carneiros. Assim a Quinta e Honra de Palmeira do Faro entra na família dos Felgueiras Gajo. Até à extinção.

Mas quais os limites deste Couto e Honra? Por sentença de 22 de Junho de 1635 do juiz do Tombo, Inácio de Castro Madureira, a Quinta e Honra de Palmeira do Faro mostra demarcar-se «pella pedra da Mamoella que está entre a Agra de Terrozo e Palmeira ao penedo do Couto, e dali cortando por entre Palmeira Suzão e Santa Eulália pella cangosta do Pego ao lugar de Sobrecous, e deste lugar à pedra Vilada, e da dita pedra à Mamoza de Lagos que fica sobre a bouça do Pisco, e daí cortando o assento novo da quinta à Bouça da Lagoa e da dita Bouça ao marco do Monte das Antas donde pela Lagoinha vai intestarno dito marco da Mamoella». Tudo topónimos expressivos. Mas não meus conhecidos.

Aqui atrás, em conversa com Mestre Manuel de Boaventura, fiquei de lhe mandar estes limites para identificação. E a quem melhor podia eu recorrer? Mas os dias chegaram, e os dias passaram, e eu cá ficava com a determinação de que algum dia, claro, algum

## Recordações de uma viagem a Goa

Pelo DR. ALMEIDA BRAGUEZ

III

### Um passeio a Raia

LOGO de manhã cedo, às cinco horas, começamos os preparativos, pois tínhamos carreira às seis. Já a alvorada tinha lançado os seus primeiros raios e a paisagem aparecia-nos esbatida como através de um sonho.

O autocarro, pequeno, mas moderno e confortável, iniciou a sua marcha saindo de Pangim pelo Pontão de Linhares em direcção a Ribandar por uma estrada recta traçada ao longo do Mandovi. Atravessamos Ribandar, povoação cheia de magníficas casas e de vestígios do seu antigo esplendor, pois era ali o bairro preferido da aristocracia; o seu belíssimo hospital, sobranceiro ao rio Mandovi, já fica para trás e começa a aparecer-nos Velha-Goa com as suas igrejas relíquias (é quase só o que resta da antiga Roma do Oriente). Ao vermos a grandiosidade destes monumentos temos forçosamente de meditar na grande epopeia dos nossos antigos por estas paragens.

As aldeias sucedem-se e, em alguns locais, atravessamos pontes modernas que facilitam o tráfego.

Mais longe encontramos, à direita, os templos hindús de Mangueixa e Mardol e sempre em frente, umas vezes por vales cobertos de arroz ou de vegetação cerrada, outras por cristas que lembram cabeças de velhos com cabelos ralos, lá vamos seguindo.

Agora é Pondá que fica ao fundo de um monte, num vale vicejante.

Com várias cambiantes da paisagem e as costumadas paragens da carreira, chegamos a Raia, nosso destino.

Raia é uma povoação, semelhante a tantas outras e que fica já perto de Margão.

Festejava-se nesse dia Nossa Senhora do bom parto. Foi uma festa simples, em tudo semelhante às da Metrópole: as mesmas barracas de doces e bebidas, a mesma oportunidade de se fazer algum lucro, havendo toda a série de bugigangas.

(Continua na página 7)

## NOTA ACERCA DE UMA

# EXPOSIÇÃO DE GRAVURA

Por JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

FOI há pouco, em Coimbra, que podemos apreciar mais demoradamente a Exposição de Gravura Portuguesa Contemporânea, organizada pela Soc. Cooperativa de Gravadores Portugueses «Gravura», exposição que já tínhamos visto no Porto e na Póvoa de Varzim.

Primeiro que tudo, não podemos deixar de felicitar calorosamente os artistas que tiveram a ideia — e a essa ideia deram corpo — da fundação da «Gravura», cuja missão é divulgar a modalidade artística de grande interesse e que, entre nós, goza duma projecção inferior à que tem jus. Concomitantemente, «Gravura», organizada sem intentos lucrativos, possibilita aos seus associados o adquirirem por baixo preço gravuras de alguns dos maiores artistas nacionais e estrangeiros, e contribui ainda, dum modo decisivo, para a criação de uma verdadeira «gravura portuguesa» e para a sua expansão pelo mundo.

Prova flagrante do que acabamos de afirmar é a

Exposição de Gravura Portuguesa Contemporânea — à qual nos referimos em cima — que, após ter estado patente ao público em diversos países europeus, se encontra agora circulando no nosso. Exposição de um nível raramente atingido, não podíamos deixar de nos referir a ela — pelo que deixamos aqui estas breves notas.

A Exposição compunha-se de sessenta e cinco gravuras — dos seguintes processos: litografia, linoleogravura, água-forte, ponta-seca, água-tinta, xilogravura e serigrafia — a preto e branco umas, e a cores outras, que representavam vinte e seis artistas. De entre os artistas e as gravuras que mais nos impressionaram destacaremos, sem preocupação de dar uma «ordem»:

Hansi Stafl, pintora inglesa — nascida em Budapeste em 1913 — que desde 1946 reside em Portugal, onde o seu nome é já bem conhecido e a sua obra bem admirada. As três obras da sua autoria

(Continua na página 7)

dia, amanhã mesmo, havia de ser... havia de mandar. Talvez não seja eu o único, talvez todos sejamos assim. Amanhã, eu disse sempre amanhã. Mas o certo é que nunca é tarde demais para saber. E o amanhã chegou, querido Mestre.

Esposende, 9 de Fevereiro de 1959.

## DIVAGANDO

Por A. FILIPE

COMO Antero de Quental enganam-se todos os que afirmem que a humanidade atinge uma fase definitiva nalgum momento das suas evoluções. A vida é movimento, progresso, fluir... torrente caudalosa catadupejando furiosamente pelas encostas do tempo. Se encharca num barranco, estagna-se, apodrece e morre.

O homem — pequena gota desse ribeiro que brota das fontes ultra-hilozoicas — tem uma existência assás agitada para emergir desse vasto mundo fenomenológico e tomar plena consciência de si mesmo. Um rosário de instantes sucessivos e sucedidos mal unidos pelo fio quebradiço da matéria. Série ininterrupta de estados psíquicos. Mas só quando iluminado, ferido pela luz das emoções, é que o homem, pela concentração do espírito, se revê no seu todo concreto e individualizado.

Como a jovem empubescida troca naturalmente a boneca pelo espelho, assim o espírito aprende nas horas de tristeza a sua realidade meta-óptica.

Será a angústia ou a náusea o existencial mais revelador do Das?

O certo é que em tais momentos, o homem, existente concreto, toma consciência de si, se consciencializa e se revê no imenso estendal das suas misérias e ansiedades; sente a fome de mais alguma coisa que está para além de si — o despertar (passe o termo) dos instintos do espírito, da alma que, a não estarem inquinados, só terão a plena saciedade no criador.

A literatura hodierna ressent-se muito dos ares existencialistas. Daí as novas orientações que presidem ao romance e à poesia. A ética — surrealista que se manifesta muito nas artes plásticas, traz consigo a revolta contra todos os valores estabelecidos quer no campo físico, quer no campo religioso, quer no campo moral...

Ele representa o arrojo mais ousado contra as formas tradicionais ou melhor «a mais audaciosa forma do espírito de aventura contra o espírito de ordem».

A juventude dos nossos dias é revolucionária. Que é o surrealismo senão o fruto do espírito revoltado de um grupo de jovens franceses como o Rock-and-roll é no aspecto moral uma revolta da juventude contra toda a autoridade constituída?

Abortos da liberdade!

É por meio da literatura que se têm preparado os grandes movimentos sociais. A imprensa mórmente a diária é que alimenta o espírito dos homens. No nosso País onde o nível de cultura é o mediano é certo que o existencialismo ateu não lançou raízes profundas embora haja um óptimo ambiente para o desenvolvimento dos processos afrodísíacos dos escritores modernos.

Quanto aos nossos autores, a maioria não passa de um aglomerado ou confluência de ideias. Carecem no geral de uma mentalidade própria. Quase todos se vão deixando influenciar pela técnica do neo-realismo que é, sem dúvida, a corrente que mais se vem impondo nos domínios da literatura portuguesa. Distingue-se do realismo antigo. Intenta dar uma nova construção à realidade. Poderíamos citar inúmeros escritores principalmente romancistas e poetas que seguem em cheio este movimento não estranho a ideologia marxista.

Mais que nunca se pode afirmar com toda a verdade que a confusão que reina no campo da literatura e da ideologia são o espelho, o reflexo da sociedade. Só numa coisa prima a civilização moderna: desenvolvimento das pernas — como afirmou alguém. O futebol é o prato diário de todas as conversas. O homem de hoje civilizou-se nos pés mas na cabeça...

O tempo dirá o resto.

Visado pela Censura